

# Peça teatral encanta crianças de creche

Nelson Donato  
Especial para o Diário

Com muita criatividade, carinho e participação dos alunos, a creche Ângela Masiero, situada na Rua Franco da Rocha, na Vila Junqueira, em Santo André, organizou espetáculo teatral lúdico sobre os perigos de deixar água parada e, conseqüentemente, atrair o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, febre chikungunya e zika vírus. A atividade marca mais uma etapa do projeto Santo André & Os Agentes Contra o Aedes, iniciativa das secretarias de Educação e Saúde, em parceria com o Diário.

No semestre, a creche desenvolveu diversas atividades, como caminhadas e teatro de sombras, para proporcionar aos pequenos o conhecimento necessário para que se tornem o fator multiplicador que objetiva conscientizar a população. E com a peça Todos Contra a Dengue, os estudantes mostraram que absorveram as lições com maestria.

No espetáculo é contada a história de Zézinho, um menino que deixa seus brinquedos expostos à chuva. Após a tormenta, a água acumulada nos objetos se torna o criadouro perfeito para que a fêmea do mosquito coloque seus ovos. Algum tempo depois, eles eclodem e, após atingirem a forma adulta, picam Zézinho enquanto ele dorme e transmitem a dengue.

Desesperada, a mãe do menino o leva para o posto de Saúde perto de sua casa, onde a médica confirma que ele contraiu a patologia. Depois do diagnóstico, a doutora chama uma agente de Saúde, que instrui a dona de casa sobre quais medidas preventivas devem ser tomadas para evitar a procriação do vetor da doença.

Ao retornar para o lar, a mãe retira os brinquedos onde a água ficou acumulada. Algum tempo depois, Zézinho está curado e pronto para voltar para a escola, onde ele ensina aos amigos os perigos da dengue.

A professora Jeanne Quaresma da Silva Barbosa, que interpretou a ‘mosquitona’ que colocou os ovos durante a peça, conta que ficou surpresa com o aprendizado das crianças ao longo do semestre. “Construímos esse projeto em várias etapas. Começamos com rodas de conversa para ter ideia do que os alunos sabiam sobre o tema. Depois mostramos imagens reais do mosquito e dos criadouros.”

Segundo a docente, a caminhada feita no entorno da unidade e a peça encenada ontem foram as provas de que os pequenos são os principais fatores multiplicadores. “Quando saímos para alertar a vizinhança sobre a dengue, todos foram muito receptivos e até nos convidaram para entrar em suas casas. E hoje (ontem) vimos a quantidade de conhecimento que eles absorveram e o quanto se dedicaram à causa.”

Intérprete de Zézinho, o estudante Renato Lima Noronha, 3 anos, levou tudo o que aprendeu para casa. A mãe do menino, Renata Bolsoni Lima, 32, detalha que seu filho ensaiava para o papel quase todos os dias e que chamava a atenção de quem fosse caso percebesse um possível foco de dengue. “Ele pediu para eu ajudá-lo a memorizar as falas. Também o vi treinar muitas vezes em casa. Esse esforço do meu filho fez com que ele aprendesse muito. Quando fomos na residência de uma vizinha da minha mãe, ele falou para ela que lá tinha pratinhos com água e que o lixo estava destampado.”

### **Unidade usa linguagem diferenciada para ensinar**

Apesar da pouca idade dos alunos, de zero a 3 anos, a equipe da creche Ângela Masiero decidiu que a melhor maneira de mostrar o perigo da dengue é usar termos técnicos. Os resultados foram melhores que os esperados e os pequenos se transformaram em multiplicadores da prevenção.

A professora Sirlei Moreira Bardibia explica que os conhecimentos foram absorvidos com mais eficácia. “Com as imagens reais que mostramos para os alunos, eles viram que o Aedes é um bicho perigoso, e não um mosquitinho bonitinho que apenas pica as pessoas e dá coceira. Eles precisavam saber dos verdadeiros riscos de deixar água parada.”

Nelma Guerra da Silva, 43 anos, é mãe de Rafaela Martins Guerra, 3. Segundo ela, a filha trouxe informações que nem as irmãs mais velhas possuíam. “Ela chegou em casa falando sobre as fases da vida do Aedes, desde o ovo até a larva, e com todas as nomenclaturas técnicas. Ela disse que não poderíamos deixar água parada, pois temos que evitar a proliferação do mosquito.”